

MIGRAFRON

Boletim v. 2, n. 1, jan-jun, 2026

MIGRAFRON

Boletim v. 2, n. 1, jan-jun, 2026



OBSERVATÓRIO FRONTEIRIÇO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
UFMS/CPAN - R. Domingos Sahib, 99 - Corumbá-MS - Sala B06
site: <https://migrafron.ufms.br>
Email: migrafron.cpan@ufms.br
Canal: <https://www.youtube.com/@migrafron>
Instagram: @migrafron



MIGRAFRON

BOLETIM MIGRAFRON é uma publicação periódica do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal.

Editores

Patricia Teixeira Tavano – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN), Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON)

Marco Aurélio Machado de Oliveira – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN), Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON)

Conselho Editorial

Alexandre dos Santos Cunha – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA)

Carlo Henrique Golin – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN)

César Augusto da Silva - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Faculdade de Direito (UFMS/FADIR); Cátedra Sérgio Vieira de Mello

Diego Noel Ramos Rojas - Universidad de Guadalajara (México)

Duval Fernandes – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MINAS)

Edgar Aparecido da Costa – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal

Flavia Wegrzyn Magrinelli Martinez - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Faculdade de Educação (UFMS/FAED)

Gabriel Alberto Moreno Esparza - Northumbria University (Reino Unido)

Hermes Moreira Jr – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

João Carlos Jarochinski Silva – Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Leonardo Cavalcanti – Universidade de Brasília (UnB); Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA)

Márcia Regina do Nascimento Sambugari – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN)

Maria Aparecida Webber – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Nayara Belle - Frente Nacional pela Saúde de Migrantes (FENAMI); Observatório Saúde e Migração (OSM/UFSCar)

Sérgio Prieto Díaz - Colegio de la Frontera Sur (México)

Suzana Vinícia Mancilla Barreda - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (UFMS/FAALC)

Arte da Capa: Gilberto Xavier Loio

Os conteúdos são de inteira responsabilidade dos autores e não representam necessariamente o ponto de vista da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul ou do seu Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços

Conteúdo

Editorial

De onde falamos	04
Patricia Teixeira Tavano	
Marco Aurélio Machado de Oliveira	

Debates e Conjunturas

Políticas educativas en el contexto de las fronteras internacionales	05
Jhonny Vargas Reque	

Falares Migrantes

Da fronteira vivida à fronteira compreendida	18
Aline do Carmo Souza Portugal	
A música que atravessa fronteiras	22
José Antonio Méndez Barba	

Notas de Pesquisa

Influência da fronteira Brasil-Bolívia na torcida do Corumbaense Futebol Clube (CFC)	24
Roberto César de Souza	
Carlo Henrique Golin	
Da passagem à permanência: a presença boliviana no sistema educacional de Corumbá/MS	30
Vanessa Valadão Gouvêa Gomes da Silva	
Lucilene Machado Garcia Arf	

Sessão Livre

Um evento científico numa fronteira internacional: III CONGRESSO DO MIGRAFRON	37
Patricia Teixeira Tavano	

Normas de Publicação

Para os autores	41
-----------------	----

De onde falamos

Editorial

Apresentamos o primeiro número do segundo volume do **BOLETIM MIGRAFRON**, um canal de divulgação do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (**MIGRAFRON**) e de seus parceiros, que nasce da proposta de abrir um espaço para a apresentação de ideias, discussões, pesquisas que tratem da migração e da fronteira de forma sensível e humana, considerando os sujeitos e suas relações como o ponto fulcral dos estudos fronteiriços.

Neste volume convidamos o leitor a conhecer de onde falamos originalmente: a fronteira Brasil-Bolívia entre as cidades de Corumbá e Ladário, Estado de Mato Grosso do Sul, e Puerto Quijarro e Puerto Suárez, Província de Géman Busch. O Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (**MIGRAFRON**) nasce e se posiciona nesse espaço-tempo para refletir sobre os processos e percursos migratórios e fronteiriços. Ainda que estejamos em um processo de expansão de olhar e integrantes, não nos afastamos dessa fronteira de conhecimentos, relações e significações.

Abrimos o volume com a contribuição expressiva de Jhonny Vargas Reque, Director Distrital de Educación de Puerto Quijarro, através da transcrição autorizada de sua fala no **III CONGRESSO DO MIGRAFRON**, em 28 de julho de 2026, que nos traz um panorama do sistema educacional boliviano e suas características fronteiriças, a partir não apenas de seu cargo, mas de sua vivência como docente, estudante e cidadão boliviano fronteiriço.

Na sequência, acompanhamos dois migrantes em seus constructos fronteiriços migratórios: Aline do Carmo Souza Portugal nos traz suas reflexões enquanto migrante nacional, e José Antonio Méndez Barba nos brinda com sua vivência enquanto migrante internacional.

Seguimos para duas notas de pesquisas que retratam aspectos significativos dessa vida fronteiriça. Roberto César de Souza e Carlo Henrique Golin falam da cultura brasileira através do futebol, e seu papel, através do Corumbaense Futebol Clube, de aproximações e afastamentos entre torcedores na fronteira. Já Vanessa Valadão Gouvêa Gomes da Silva e Lucilene Machado Garcia Arf, trazem a histórica presença de bolivianos no sistema educacional de Corumbá/MS, discutindo questões identitárias e experienciais. Duas pesquisas pensadas, produzidas e apresentadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, parceiro do **MIGRAFRON**.

Fechamos este número com um relato sobre o **III CONGRESSO DO MIGRAFRON**, realizado em Corumbá com olhares para a migração e fronteira em diversas partes, mas partindo da nossa casa!

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Patricia Teixeira Tavano
Marco Aurélio Machado de Oliveira
Jan/jun, 2026

Políticas educativas en el contexto de las fronteras internacionales

Debates e Conjunturas

Jhonny Vargas Reque

Dirección Distrital de Educación de Puerto Quijarro
(Bolivia)

Este artículo trata de la transcripción de la palestra proferida por el Director Distrital de Educación Lic. Jhonny Vargas Reque, el día 28 de julio de 2026, componiendo las actividades del **III CONGRESO DO MIGRAFRON**.

A palestra integrou a mesa “Políticas educacionais para atendimento aos migrantes em Corumbá e Puerto Quijarro”, que também contou com a participação da Profa. Dra. Tarissa Marques dos Santos, da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá/MS.

A íntegra da mesa está disponível no canal do Youtube do MIGRAFRON:
<https://www.youtube.com/watch?v=F6dWIDFFC5g>

Bueno, muchas gracias Marco Aurélio por la presentación. También quiero agradecer a Tarissa Marques por la invitación para ser parte de este Tercer Congreso Migrafron, en la cual vamos a hablar sobre las políticas educativas en los contextos de frontera. Más que todo nosotros nos encontramos en lo que es el municipio de Puerto Quijarro, frontera con Brasil.



Entonces, muy agradecidos por esta invitación para formar parte de este evento tan importante y poder demostrar y dar a conocer las políticas educativas que se vienen desarrollando desde el gobierno nacional en cuanto a lo que es la mejora de la calidad educativa dentro de nuestro estado plurinacional. Bueno, por favor, si podría pasar la siguiente lámina.



Bien, dentro de este trabajo que venimos desarrollando dentro del municipio de Puerto Quijarro, vamos a iniciar con lo que es el contexto territorial, en el cual vamos a tomar cuatro puntos importantes y dentro de ellos tenemos lo que es el territorio fronterizo aislado.

¿Por qué se lo considera o he querido resaltar esta situación? Es por la distancia que nosotros nos encontramos a lo que es la ciudad capital o a la capital del departamento de Santa Cruz, que son alrededor de 600 kilómetros de distancia, el cual a nosotros nos dificulta un poco el poder trasladarnos y poder realizar algunas actividades dentro de lo que es el trabajo administrativo con lo que es la dirección departamental de educación. Entonces, es por esa situación que se ha considerado como un territorio aislado. Pero esta situación no limita a nuestro municipio a poder realizar lo que son actividades sociales, educativas, de acuerdo a las posibilidades que tenemos, pese a las limitaciones, tratamos de llevar el nivel educativo a nivel nacional.

Otro de los puntos importantes de lo que es el municipio de Puerto Quijarro es la movilidad intensa. Al ser una región fronteriza, Puerto Quijarro se caracteriza por ese movimiento de personas, de bienes, de servicios que cruzan entre estos dos países o estos dos municipios fronterizos como es Puerto Quijarro y Corumbá. Otro de los aspectos importantes es la vida binacional.

Y dentro de esta vida que vienen desarrollando los pobladores dentro de lo que es el municipio de Puerto Quijarro, las familias comparten lo que es la cultura, comparten lo que es la educación, comparten lo que es la parte económica. Entonces, es una región en la cual la vida es binacional porque muchos de nuestros pobladores de Puerto Quijarro trabajan en Corumbá, también de allá vienen a Bolivia. Más que todo, nuestros estudiantes, tenemos estudiantes que asisten al lado brasileiro, pero también esos mismos estudiantes en su momento también retornan a nuestro país.

Y otro de los puntos importantes es el territorio fronterizo dinámico. Entonces, por todas estas características que he mencionado, Puerto Quijaro es una región en la cual venimos trabajando de forma coordinada. Bueno, los gobiernos municipales, nuestras autoridades municipales vienen trabajando de forma coordinada para poder lograr que no solamente Puerto Quijaro y Corumbá puedan tener ese lazo de amistad, sino que este lazo sea un lazo en el cual ambos municipios o ambos países podamos integrarnos para poder fortalecer no solamente nuestra economía, sino también lo que es el nivel académico, la formación de nuestros niños jóvenes dentro de este contexto fronterizo en el cual nosotros habitamos. Por favor, siguiente.



Entonces, enfocándonos más en lo que es la población estudiantil, el Distrito Educativo de Puerto Quijaro tiene alrededor de 4.500 estudiantes en los niveles de inicial, primaria y secundaria. Y dentro de estas características tenemos estudiantes bolivianos que tienen vínculos familiares en el Brasil, es decir, personas que viven en el Brasil, pero estudian en el lado boliviano.

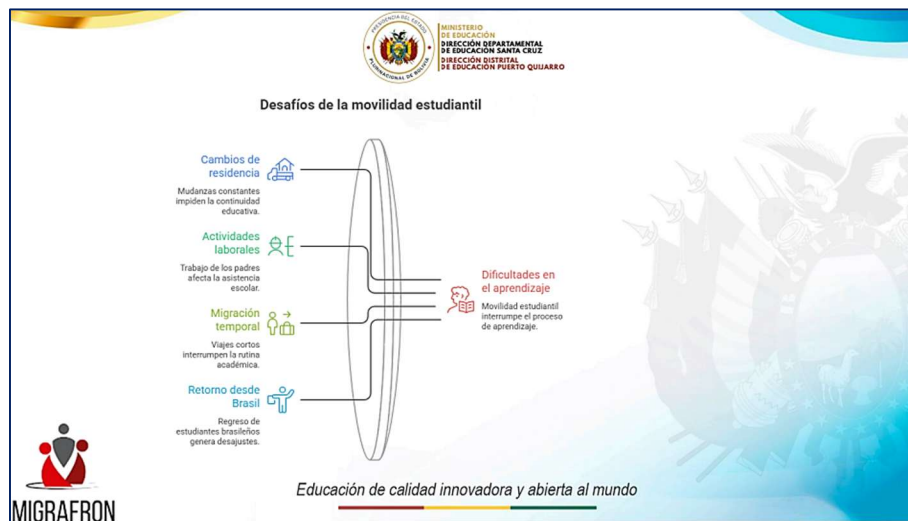
También tenemos estudiantes con familias migrantes, estudiantes que vienen con familias de otros departamentos de otras regiones de nuestra Bolivia para buscar nuevas oportunidades. Entonces, también tenemos estudiantes del interior de La Paz, Cochabamba, otras regiones de nuestro país. Y otra de las características que también se puede apreciar dentro de lo que es la población estudiantil es la movilidad permanente.

¿A qué nos referimos con esto? Que muchas veces los padres de familia realizan o trabajan en el lado brasilero y eso muchas veces dificulta la atención de los mismos estudiantes en el lado boliviano y es por esta situación que muchas veces realizan el cambio al lado brasilero. Entonces, a eso nos referimos cuando hablamos de una movilidad permanente. Así como nuestros estudiantes van al lado brasilero, también hay algún momento en el cual retornan a nuestro país.

Otro de los aspectos es la diversidad cultural y también lingüística. Como mencionaba Puerto Quijaro, por las características geográficas de ser una región fronteriza, abarca o tiene una diversidad cultural bastante amplia, diversa, en el cual no solamente tenemos lo que es el idioma castellano, sino también tenemos lo que son los idiomas originarios. Dentro de nuestro país tenemos reconocidos 36 idiomas originarios y dentro de

nuestro contexto, el idioma originario que se desarrolla y que se tiene que seguir fortaleciendo es el bésiro chiquitano, pero también tenemos lo que es el idioma originario aymara, el quechua y otros idiomas que, de acuerdo a la población que tenemos, vienen practicando aún estos idiomas o esta diversidad cultural y lingüística.

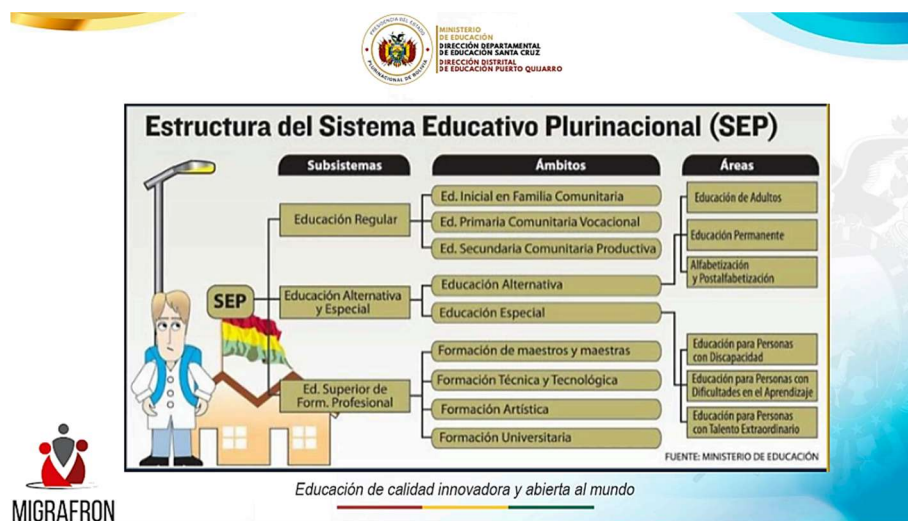
Y otro de los aspectos son los pueblos indígenas. En este punto, más que todo, nos referimos a aquellas organizaciones indígenas que tenemos dentro de nuestro municipio. Tenemos lo que son los ayoreos, que son personas o grupos sociales que se han asentado ya dentro de lo que es el área urbana de nuestro municipio y a quienes también se les tiene que dar la atención educativa para poder garantizar lo que es su formación académica.



Entonces, a partir de todos estos aspectos que hemos ido mencionando, lo que es los cambios de residencia, las actividades laborales que realizan no solamente los padres de familia, hasta nuestros mismos estudiantes se dedican a lo que es el comercio y otras actividades, la migración temporal y lo que es el retorno a nuestro país. En el ámbito educativo, como dirección distrital, año tras año venimos recibiendo casos en los cuales los estudiantes se retiran del sistema educativo de nuestro país para trasladarse al lado brasileño, pero pasa un año, dos años, tres años y retornan estos mismos estudiantes. Entonces, nuestra currícula que tenemos, que es a nivel nacional, comparado con los de otros países, bueno, es diferente, entonces eso hace que los estudiantes que retornan a nuestro país tienen ciertas dificultades dentro de lo que es el aprendizaje y todas estas dificultades mayormente se generan por los aspectos ya anteriormente mencionados. Por favor.



Como dirección distrital y también como políticas nacionales, el Ministerio de Educación viene trabajando con los desafíos que tenemos ante esta situación al ser una región fronteriza. Tenemos dificultades dentro de lo que es la certificación, si los estudiantes retornan, en lo que es la evaluación, el currículo y también lo que son la carga horaria, el calendario y lo que es la organización por niveles de lo que es la estructura educativa de nuestro país. Como dirección distrital nosotros tenemos una estructura el cual deriva desde el Ministerio de Educación, que es la cabeza de lo que es la educación.



A partir de ello tenemos lo que son las direcciones departamentales, la cual también tiene las subdirecciones, subdirección de educación regular, subdirección de educación alternativa y especial y la subdirección de formación profesional. Posterior a ello, las direcciones distritales vienen a ser un nivel operativo. Después de las direcciones distritales tenemos lo que son las direcciones de las unidades educativas y los centros de educación.

Esa es la estructura jerárquica de lo que es el ámbito educativo de Bolivia. El Ministerio de Educación, la dirección departamental de educación, las subdirecciones y

áreas operativas que tiene, la dirección distrital, las direcciones de núcleo, las direcciones de unidades educativas o centros de educación. Dentro de la estructura que tenemos dentro del sistema educativo plurinacional, tenemos lo que son tres subsistemas.

El subsistema de educación regular, el subsistema de educación alternativa y especial y el subsistema de formación profesional. En este caso, lo que son las direcciones distritales, nos dedicamos más que todo a lo que es educación regular y educación alternativa y especial. Lo que es formación profesional ya más que todo es competencia de las direcciones departamentales.

Dentro de lo que es el subsistema de educación regular, tenemos tres ámbitos. Lo que es inicial en familia comunitaria, que está dedicado para niños de 4 y 5 años de edad. Luego tenemos el nivel primaria, primaria comunitaria vocacional, que comprende seis años de formación, de primero a sexto de primaria.

Luego tenemos el nivel secundario, que también comprende seis años de formación. Luego lo que es educación alternativa, lo que es la educación o la formación para personas jóvenes y adultas y lo que es la educación especial. Dentro de la educación superior, tenemos la formación de maestros, la formación técnica tecnológica, la formación artística, la formación universitaria.

Dentro de lo que es el currículo de Bolivia, cada uno de estos ámbitos, tanto inicial, primaria y secundaria, tiene una carga horaria. Entonces, esto hace que el estudiante que esté en el nivel inicial, el nivel primario y el nivel secundario, tiene que cumplir esta carga horaria. Por ejemplo, en el nivel inicial, son seis horas mensuales que se tienen que cumplir, que son 25 horas semanales.



MINISTERIO DE EDUCACIÓN
DIRECCIÓN DEPARTAMENTAL DE EDUCACIÓN SANTA CRUZ
DIRECCIÓN DISTRICTAL DE EDUCACIÓN PUERTO QUIJABO

CARGA HORARIA

INICIAL EN FAMILIA COMUNITARIA

Campos	Urbano		Rural	
	1er año	2do año	1er año	2do año
Vida Tierra y Territorio			25	
Comunidad y Sociedad	25	25		25
Cosmos y Pensamiento	(hora semana)	(hora semana)	(hora semana)	(hora semana)
Ciencia Tecnología y Producción				
Total (hora mes)	100	100	100	100

PRIMARIA COMUNITARIA VOCACIONAL

Campos de saberes y conocimientos	Áreas de saberes y conocimientos						Total
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	
Comunidad y Sociedad	Comunicación y Lenguajes (Lengua Originaria, Lengua Extranjera)	44	44	44	36	36	240
	Ciencias Sociales	8	8	8	8	8	48
	Artes Plásticas y Visuales	8	8	8	8	8	48
	Educación Física y Deportes	8	8	8	8	8	48
Ciencia, Tecnología y Producción	Matemática	20	20	20	28	28	144
	Técnica Tecnológica	8	8	8	8	8	48
Vida, Tierra y Territorio	Ciencias Naturales	8	8	8	8	8	48
Cosmos y Pensamiento	Valores, Espiritualidad y Religiones	8	8	8	8	8	48
Total		120	120	120	120	120	720

SECUNDARIA COMUNITARIA PRODUCTIVA

Campos de Saberes y Conocimientos	Áreas de Saberes y Conocimientos						Total
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	
Ciencias Naturales	Biología - Geografía	36	36	36	36	36	36
	Física	-	-	8	8	8	8
	Química	-	-	8	8	8	8
Comunicación y Lenguajes	Lengua Castellana y Originaria	24	24	24	36	32	12
	Lengua Extranjera	8	8	8	8	8	8
Comunidad y Sociedad	Ciencias Sociales	32	32	20	20	32	32
	Educación Física y Deportes	8	8	8	8	8	8
	Educación Musical	8	8	8	8	8	8
Cosmos y Pensamiento	Artes Plásticas y Visuales	8	8	8	8	8	8
	Comunicaciones, Pluralidad y Psicología	8	8	8	8	8	8
Ciencia, Tecnología y Producción	Valores, Espiritualidad y Religiones	8	8	8	8	8	8
	Matemática	20	20	20	20	20	120
	Técnica Tecnológica	36	36	32	-	-	64
Total		196	196	276	168	192	1,000



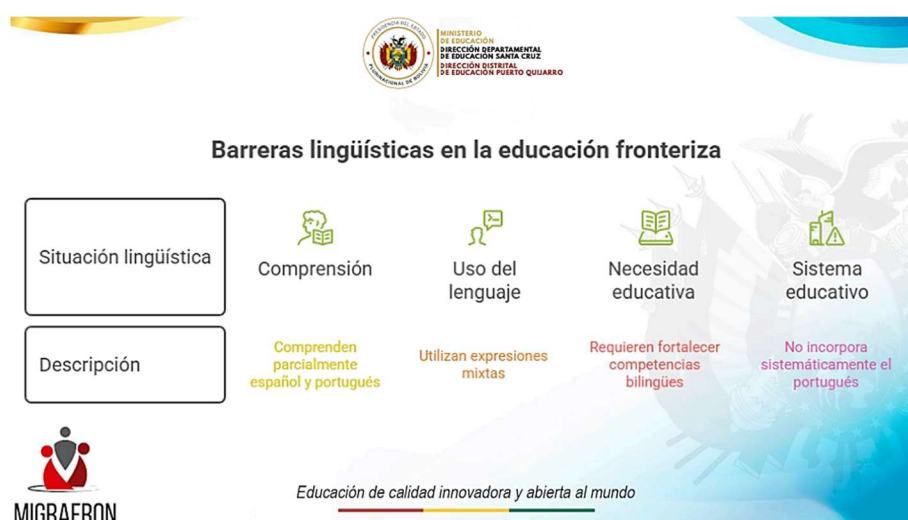
Educación de calidad innovadora y abierta al mundo

En el nivel primario, son 120 horas que se tienen que ir desarrollando y estas 120 horas se vienen dividiendo en diferentes áreas. Tenemos comunicación-lenguaje, ciencias sociales, ciencias naturales, la parte técnica, que es música, educación física y otras áreas. Lo mismo sucede en el nivel secundario, pero ya con un poco más de carga horaria.

Dentro de lo que es esta carga horaria, de la misma forma se viene distribuyendo en diferentes materias. Como región fronteriza, en el ámbito educativo

podemos considerar que se tienen ciertas barreras lingüísticas. ¿Esto por qué? Si bien hay la mayoría de la población de Puerto Quijaro que habla el idioma portugués, pero también hay cierta parte de la población que viene de otras regiones de Bolivia, los cuales desconocen este idioma, aunque se les puede comprender, pero muchas veces es un poco complicado.

Entonces, lo que es el uso del lenguaje, por ejemplo, más que todo se la conoce, que es con un uso mixto o mezclado entre español y portugués. Y la necesidad educativa. Dentro de nuestro currículo, si bien hay una materia que es lengua extranjera, a nivel nacional, esta lengua extranjera o este idioma originario que se viene trabajando dentro de lo que es el currículo educativo, es el idioma inglés.



Pero consideramos que siendo una región fronteriza, deberíamos enfocarnos un poco más a lo que es el idioma de portugués para tener esa facilidad y también poder conocer este idioma al encontrarnos en una región fronteriza. Y dentro de lo que es el sistema educativo, lo que mencionaba, nosotros utilizamos como lengua extranjera lo que es el idioma inglés. Pero creo que como una región fronteriza, deberíamos también fortalecer lo que es el idioma de portugués.

Todo este contexto nos genera ciertas dificultades en lo que es la parte administrativa. Dentro de ello, el reconocimiento de estudios. Hay personas que salen bachilleres, que han estudiado hasta cierto curso, quieren retornar a nuestro país, pero el trámite es un poco complicado.

Desde la traducción de las libretas o de los certificados, la homologación. Entonces, esto hace un poco dificultoso este trámite. Ahora, la regularización educativa.

Tenemos varias dificultades en cuanto a la documentación de estos estudiantes que retornan después de haber estudiado uno o dos años en el exterior. ¿Esto se genera por qué? Porque hay documentación incompleta. Los padres de familia muchas veces no traen la documentación correspondiente con lo que es el trámite de acuerdo a los procedimientos, el apostillado, etc.



Entonces, eso es un poco dificultoso para poder regularizar lo que es el historial de los estudiantes. Y las certificaciones extranjeras, que también se tiene que realizar el trámite de homologación. Entonces, son situaciones que en la parte administrativa, más que todo en lo que es educación regular, que hablamos de estudiantes de nivel inicial, primaria y secundaria, como dirección distrital, al año recibimos varios casos, alrededor de 15 a 20 casos durante toda la gestión de este tipo de trámites o estudiantes que vienen de otros países del exterior, pero no traen la documentación correspondiente para poder inscribirse al año correspondiente.

Artículo 18.- (Inscripción de estudiantes que provienen del exterior). I. La inscripción, progresión y salida de estudiantes que provienen de unidades educativas del extranjero, será de acuerdo con la normativa vigente, con la finalidad de garantizar el derecho a la educación de los estudiantes.

II. En caso de no contar con documentos que acrediten el grado o nivel de estudio la asignación será de acuerdo con su edad, debiendo la Comisión Técnico Pedagógica desarrollar la evaluación, con la finalidad de elaborar un plan de nivelación según corresponda.

Artículo 19.- (Inscripciones excepcionales para estudiantes en situación de desventaja social o vulnerabilidad). I. Los directores de unidades educativas deberán atender, de manera prioritaria, a los estudiantes en situación de desventaja social o vulnerabilidad, realizando un informe del estado de situación del estudiante.

II. La inscripción de estudiantes en situación de desventaja social o vulnerabilidad será durante toda la gestión educativa y sin discriminación, según normativa vigente.

4. NIVELACIÓN POR REZAGO ESCOLAR O DESVENTAJA SOCIAL.

4.1. DEFINICIÓN:
La nivelación por rezago escolar o por desventaja social, consiste en promover al estudiante en uno o más años de escolaridad en una gestión educativa, procurando se alcance el año de escolaridad de su grupo etario, en concordancia al nivel de conocimientos que demuestre a través de la evaluación.

R.M. 0635/2022

MIGRAFRON

Educación de calidad innovadora y abierta al mundo

Siguiente, por favor. Entonces, como política a nivel nacional, se viene trabajando para poder garantizar el acceso a la educación de todas las personas que radican en el país, independientemente si son bolivianos o son extranjeros, como Estado, nosotros tratamos de garantizar el acceso a la educación. Entonces, a estos estudiantes que vienen con la documentación incompleta, que quieren regularizar y continuar sus

estudios en nuestro país, entonces el Ministerio de Educación a inicio de gestión nos da los lineamientos para poder trabajar durante toda la gestión.

Dentro de ello tenemos lo que es la **Resolución Ministerial 001**, en la cual nos da los lineamientos, los parámetros, y dentro de esto tenemos el artículo 18, que es la regularización de estudiantes que provienen del exterior, que nos dice que como Estado tenemos que garantizar el acceso a la educación de todas las personas. Entonces, si el estudiante no ha cumplido con toda la documentación, eso no lo limita a que pueda continuar sus estudios dentro del sistema educativo. Asimismo, el artículo 19 nos habla de aquellos estudiantes en desventaja social o rezago escolar, que son casos en los cuales el estudiante ha dejado de estudiar por situaciones de qué? De trabajo o cualquier otra situación en la cual no ha tenido la continuidad de sus años de estudio.

A **Resolución Ministerial** N° 0001/2026 é um documento oficial do Ministério da Educação da Bolívia para regulamentar, planejar e organizar todo o ano letivo do sistema educacional do país. Essa Resolução é emitida anualmente e deve ser aplicado obrigatoriamente pelas instituições escolares públicas, privadas e conveniadas. O acesso pode ser realizado no link: https://www.minedu.gob.bo/index.php?option=com_content&view=article&id=8244&catid=90&Itemid=933

Entonces, estas normativas nos permiten, mediante evaluaciones con la Comisión Técnica Pedagógica en cada unidad educativa, poder realizar la evaluación y de acuerdo a esa evaluación poder inscribirlos al curso que le corresponde de acuerdo a su grupo etario. También tenemos lo que es la resolución ministerial 635, quebrado 2022, que también nos da los lineamientos y los procedimientos para poder realizar estas regularizaciones. Entonces, como Estado garantizamos la continuidad de todos los estudiantes para que puedan continuar su formación dentro de lo que es el sistema educativo.



Dentro de lo que es un contexto fronterizo, si bien tenemos varias oportunidades o opciones para poder trabajar, pero también tenemos ciertos riesgos como sector fronterizo y dentro de ellos tenemos lo que es el trabajo infantil, la movilidad familiar, la vulnerabilidad social, el abandono escolar, el consumo de sustancias y lo que es la trata

y tráfico de personas. Entonces, para poder sobrellevar estas acciones, también desde el ámbito educativo se viene trabajando con políticas educativas para poder prevenir todo este tipo de acciones. Por favor.

Dentro de estas políticas educativas tenemos lo que es el protocolo de prevención y actuación ante la presencia, tenencia de lo que son sustancias controladas. También tenemos lo que son los lineamientos para la construcción de un plan de convivencia pacífica y armónica en las unidades educativas. Tenemos lo que es el guía para la identificación y denuncia de la violencia intrafamiliar.

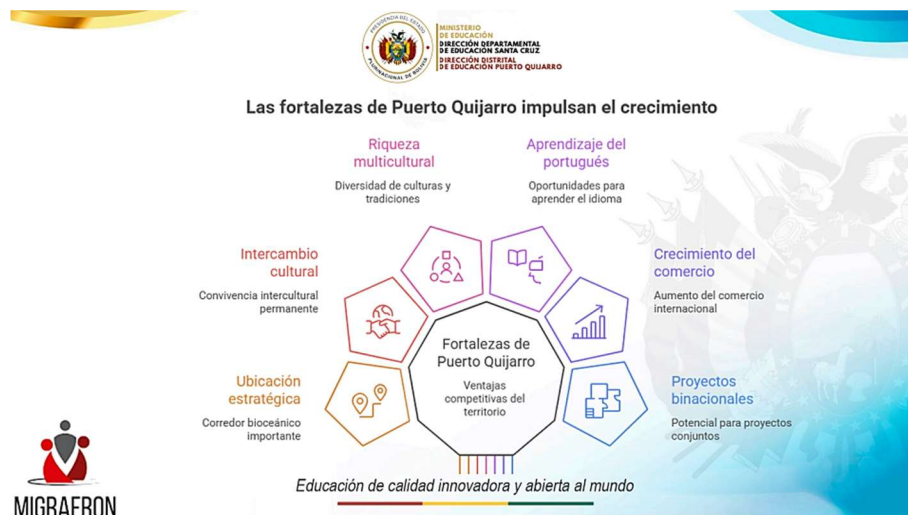
Y así también tenemos lo que es el protocolo de prevención ante casos de violencia física, psicológica o sexual en las unidades educativas. Por favor. Otra de las fortalezas que tenemos y se viene trabajando dentro de lo que es el ámbito educativo es la formación técnica, tecnológica, productiva.



Como política de Estado tenemos lo que es la formación técnica productiva de acuerdo a las necesidades y las potencialidades que se tienen en cada uno de los distritos o municipios. Y dentro de esto, en el sistema educativo, nosotros trabajamos con lo que es el bachillerato técnico humanístico, más conocido como el BTH, en la cual el estudiante que sale bachiller ya sale con una formación a nivel técnico medio en las carreras de administración de empresas y sistemas informáticos. Y aparte de ello, también en lo que es educación alternativa tenemos carreras técnicas de la misma forma con títulos a nivel de técnico medio en lo que es gastronomía, parvularia, contaduría general, sistemas de la información, mecánica automotriz, que ya también a la población en general va atendiendo y le da esa facilidad de poder formarse dentro de lo que es el sistema educativo y obtener un título a nivel nacional, título en provisión nacional, que ya lo habilita para poder ejercer una de estas carreras en las cuales tanto el estudiante de educación regular como también las personas jóvenes y adultas puedan formarse en una de estas carreras.



Las fortalezas que podemos mencionar dentro de nuestro municipio de Puerto Quijaro, una de ellas es nuestra ubicación geográfica. El municipio es parte del corredor bioceánico, algo muy importante para nuestra región porque a través de ello también a través de lo que es el canal Tamengo se viene impulsando lo que es la exportación de materia prima como es el grano, el aceite y otros al exterior. El intercambio cultural de la misma forma, Puerto Quijaro es una región diversa con diferentes culturas, por ejemplo ya en el mes de agosto tenemos la fiesta de Urquipiña que es una fiesta que se practica mayormente en Cochabamba pero al tener pobladores dentro de nuestro municipio ya también se viene practicando esta festividad que ya es bastante grande dentro de nuestro municipio.



La riqueza multicultural, la diversidad cultural y las tradiciones que se tienen dentro de nuestro municipio y algo que también vendría a fortalecer a nuestro municipio es el aprendizaje del idioma de portugués. El crecimiento del comercio, Puerto Quijaro es una región comercial también de la forma que corumba y los proyectos binacionales con nuestras autoridades municipales o nuestras autoridades departamentales y también

nuestras autoridades a nivel nacional se puedan plantear convenios para poder fortalecer aún más estas políticas no solamente en el ámbito educativo sino también en lo que es la salud, el comercio que puedan beneficiar a ambas regiones fronterizas. Por favor, ya para ir concluyendo, como políticas públicas fronterizas tendríamos que ya una propuesta como un planteamiento para poder ir trabajando lo que es la educación intercultural bilingüe, fomentando la cultura entre ambas regiones y seguir fortaleciendo lo que es la formación técnica de acuerdo a las potencialidades que se tiene en nuestra región que en la cual todas aquellas personas que vayan a formarse puedan realmente ejercer la profesión en la cual se han ido formando.

Luego tenemos lo que es la coordinación interinstitucional, siempre nosotros como dirección distrital estamos predispuestos para poder coordinar cualquier actividad de intercambio cultural con las instituciones educativas de Corumba, en la cual tenemos unidades educativas que ya han sido parte de estos intercambios culturales demostrando lo que es nuestra cultura en las unidades educativas de Corumba. Y otro de los aspectos muy importantes es la formación docente, si bien dentro de nuestra estructura o la formación que se tiene aún nos falta lo que es la preparación y la actualización del personal docente en lo que es uno, el idioma portugués, el uso de las tecnologías y otro tipo de situaciones que pueda fortalecer la educación dentro de nuestra región fronteriza. El reconocimiento de los estudios, como les indicaba tenemos bastante dificultad en cuanto a la documentación de aquellos estudiantes que retornan a nuestro país y se tienen que realizar procedimientos o buscar alternativas para poder garantizar el acceso y la continuidad a la educación y poder trabajar dentro de esto con un sistema en el cual se pueda realizar a aquellos estudiantes que se trasladan al lado brasilero pero a la vez retornan de 1, 2 o 3 años para que puedan continuar sus estudios.



Y las políticas nacional diferenciadas dentro de nuestro municipio tenemos el proyecto de ley para que la provincia sea considerada como una región económica abierta el cual le va a dar más apertura a lo que es el crecimiento poblacional y también a lo que es nuestros estudiantes dentro de este convenio o estas políticas nacionales que se pueda trabajar como estado, como departamento y así también como municipio. Por favor. Y voy a finalizar con esta lectura que nos dice que la frontera no representa únicamente un límite geográfico, constituye un espacio de integración social, cultural y económico que genera

necesidades educativas específicas, por ello las políticas nacionales deben incorporar un enfoque territorial para los municipios fronterizos garantizando el derecho a una educación pertinente intercultural inclusiva y articulada con la realidad binacional.



Jhonny Vargas Reque

Maestro normalista en la especialidad de Matemática y Física del Nivel de Educación Secundaria Comunitaria Productiva, Técnico Superior en Electricidad Industrial, Técnico Medio en Contaduría General, cuenta con Diplomados en Educación Superior, Administración y Gestión Educativa Estratégica, Investigación Científica y Educativa, Educación Productiva: Formación Técnica Tecnológica Productiva. Desempeñó funciones como maestro de matemática, física y química en la Unidad Educativa La Frontera durante las gestiones 2014 a 2020; posteriormente fue Director Institucionalizado de la Unidad Educativa Resguardo entre 2021 y 2023. Desde la gestión 2024 ejerce el cargo de Director Distrital de Educación de Puerto Quijarro.

Email: jhovare@gmail.com

Da fronteira vivida à fronteira compreendida

Falares Migrantes

Aline do Carmo Souza Portugal

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - CPAN
(Brasil)

Olá! Meu nome é Aline Portugal, sou professora de língua espanhola e mestranda do Programa de Pós – Graduação em Estudos Fronteiriços na cidade de Corumbá – MS. Nasci no município de Corumbá, porém cresci e estudei em Ladário, a circulação entre as duas cidades sempre fez parte do meu cotidiano, e durante a infância e adolescência, não tinha compreensão da grandeza que é viver nessa região.

Uma das lembranças mais marcantes desse período, são as idas a Bolívia, achava o máximo poder visitar outro país de carro, sempre íamos com meu pai ao mercado *Tocale*. Eu amava os produtos que tinha por lá por serem diferente do Brasil, um dos meus preferidos era a maionese com limão, ano passado descobri que parou de ser fabricada, mas o gosto ainda persiste na memória (estranho não?).

E sempre após as compras, meu pai sempre comprava saltenha em uma loja próximo ao *Tocale* e dizia “a saltenha boliviana é a melhor”. E até hoje concordo com ele. Naquele tempo eu não tinha entendimento que a proximidade dos dois países (Brasil – Bolívia) proporcionava uma experiência única e singular, eu sabia das diferenças como os idiomas, modos de viver e outras manifestações culturais. Mas algo em comum que eu percebia, era que a cultura de um país estava constantemente presente no outro, não apenas da Bolívia, como também outros aspectos culturais do Paraguai também.

Como eu sempre morei em Ladário, o contato com a língua espanhola não era tão forte como em Corumbá, no entanto, era comum encontrar comerciantes bolivianos pela cidade. Muitos se comunicavam em português, mas em algumas palavras, a pronúncia saía com sotaque em espanhol. Eu acabava aprendendo algumas palavras em espanhol, era algo diferente, hoje percebo que essas interações, por mais que simples, eram uma característica da dinâmica fronteira que eu não sabia interpretar.

Na época da escolha do curso, lembro-me de ter ficado insegura para escolher qual licenciatura cursar. No final, fui aprovada em Letras – Habilitação Português e Espanhol no CPAN. Apesar de não saber como seria, me senti confiante que me daria bem. Quando comentei com uma colega, ela me disse “pelo menos você irá aprender um novo idioma”. Confesso que jamais pensei em aprender a língua espanhola (e nem qualquer outra língua), por mais que ela fizesse parte de uma pequena parcela do meu cotidiano, eu não imaginava que ela se tornaria tão importante pra mim, assim como as culturas que conheci por meio dela.

A entrada na universidade marcou o início de uma nova etapa da minha trajetória, mais do que aprender um novo idioma, a graduação me permitiu compreender a realidade em que eu sempre estive inserida. No estágio obrigatório que eu realizava nas escolas, permitiu descobrir que aquele realmente era o meu lugar, por mais que eu soubesse que teriam os desafios, sabia que estava indo no caminho certo. E no meu último

estágio, recebi a proposta de participar de um projeto muito especial de **translinguagem**, realizado pela professora Suzana Mancilla e Lorene Ferrari. No começo fiquei receosa de aceitar, mas sabia que seria uma excelente oportunidade para desenvolver meu trabalho como professora e conhecer outra realidade educativa,

O projeto aconteceu no **Instituto Moinho Cultural Sul-Americano** em Corumbá. Quando criança, eu ouvia falar dessa instituição, mas não pude fazer parte (minha mãe dizia que era muito longe). Foi uma experiência maravilhosa, nesse espaço passei a

A **translinguagem** compreende a linguagem como um repertório integrado de recursos linguísticos e semióticos, em que os falantes mobilizam diferentes línguas para construir sentidos durante a interação. Nessa perspectiva, o ensino não busca separar rigidamente português e espanhol, mas reconhece que, em contextos multilíngues, como a fronteira Brasil-Bolívia, os estudantes utilizam todos os conhecimentos linguísticos de que dispõem para se comunicar, negociar significados e aprender. Essa abordagem fundamenta-se, principalmente, nos estudos de García e Li Wei (2014) e Canagarajah (2013). Link: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/137514>

conviver diariamente com crianças e adolescentes brasileiros e bolivianos. No começo foi algo desafiador, não me sentia confiável para falar em espanhol com os participantes, sempre me senti insegura para tudo, mas apesar disso, eu sabia que essa chance, me

O **Instituto Moinho Cultural Sul-Americano** é uma organização da sociedade civil, localizada em Corumbá (MS), que promove a formação integral de crianças e adolescentes da região de fronteira entre Brasil e Bolívia por meio de ações nas áreas de música, dança, literatura, tecnologia, práticas linguísticas e acompanhamento psicossocial. Site: <https://en.moinhocultural.org.br/>

ajudaria no meu aprendizado em cada aula. Com o passar dos dias, fui conversando com alguns participantes que falavam espanhol, pedia a ajuda deles quando eu falasse errado e que me corrigissem na pronúncia (até os dias de hoje tenho dificuldade em certas questões, principalmente em la doble R). Eles sempre estavam dispostos a me ajudar.

Da mesma forma que eu me sentia insegura, alguns também se sentiam inseguros de falar em português, mesmo já sabendo se comunicar. Como eu precisava transitar entre as duas línguas, minha mente misturava os dois idiomas na mesma frase, eu esquecia como falava a palavra em português e se eu conversasse durante muito tempo em espanhol, certeza que vinha uma forte dor de cabeça.

Demorei algum tempo até me acostumar com esses diálogos, mas eles foram essenciais para minha adaptação no desenvolvimento da língua espanhola. De estagiária passei para a função de professora, fui pega de surpresa, mas essa fase possibilitaria o desenvolvimento da minha identidade como professora, no começo tudo é mais difícil, escolher os conteúdos, pensar nas metodologias, os materiais entre outras coisas.

Eu sempre procurei incentivar os participantes a ensinarem os próprios colegas de turma, seja no português ou no espanhol, essa troca acontecia na ação prática da atividade, quem falava em português ensinava quem falava espanhol e vice-versa. Por mais que houvesse dificuldades na comunicação, era nesse momento que eles precisavam usar todo o conhecimento que sabiam da outra língua para falar com o colega.

Em alguns diálogos entre os participantes, os idiomas se encontravam “Você tem tajador?”, seguido do gesto de um lápis sendo apontado ou “Por favor, préstame la borracha” junto com um gesto da borracha. Essas trocas surgiam tanto dos participantes

falantes do português como o espanhol, demonstrando uma estratégia que os participantes construíam para se comunicar em um contexto bilíngue. E se houvesse alguma dúvida sobre qual palavra usar, o significado de uma expressão, eu intervinha e explicava o que fosse necessário.

A criação de jogos pedagógicos com os dois idiomas também era um momento de união e descontração entre os participantes, eles sempre buscavam estratégias para se comunicar. Quando aprendiam uma palavra nova sempre era uma alegria, vinham me contar o que haviam aprendido e como poderiam ensinar uma nova expressão para os colegas.

Trabalhar como professora de idiomas me ensinou que não é apenas estudar a gramática de um idioma, mas é preciso entender que ele representa culturas, modo de viver, pessoas de diferentes países e a forma de enxergar o mundo que os rodeia. É conseguir mostrar por mais que a cultura do outro seja diferente da sua, você não deve invalidar ou discriminar as manifestações culturais que representam a identidade de um povo.

Na região fronteiriça de Corumbá – MS, com a forte presença de outras nacionalidades, é necessário também abordar os aspectos que permeiam a nossa realidade como o preconceito, a xenofobia, a fronteira, os estereótipos no nosso cotidiano. Quando trabalho esses assuntos, consigo dar voz a questionamentos e pensamentos que eles têm, mas não é dito em voz alta. Em algum momento confesso que fiquei sem reação diante de desabafos e relatos trazidos por eles, mas é o que eles vivenciam no âmbito social.

Quando trabalhei a questão “o que é a fronteira para você”, as respostas eram similares, um lugar controlado, com policiais e um rígido controle. Para outros, é o lugar onde eles moram, a rotina de cruzar todos os dias de um país para outro.

Esse ano eu trabalhei sobre estereótipos (aproveitei a onda das Olimpíadas, esses eventos grandes e internacionais são ótimos para trabalhar esses assuntos), quando perguntando a primeira vez “o que seria isso”, a maioria não sabia, no entanto, após alguns exemplos, alguns relataram “eu sabia o que era só não sabia que tinha nome”. Algumas crianças relataram experiências pessoais desde “Meu irmão sofre bullying na escola por ser boliviano”, “Quando fui com minha mãe matricular eu e meus irmãos na escola, a professora disse que ali eles só matriculavam crianças brasileiras, os bolivianos tem que estudar na Bolívia”.

Muitas crianças tem dupla nacionalidade, são brasileiras e bolivianas, algumas se apropriam dessa identidade, de se sentirem pertencente aos dois países, outros só aceitam a nacionalidade brasileira e recusam a boliviana. É um longo processo da aceitação da identidade, de quem você é, busco sempre não forçar ninguém a escolher uma única nacionalidade, mas refletir de como é ter duas nacionalidades e poder compartilhar a cultura dos dois países, buscando valorizar as diferentes formas de pertencimento presentes na fronteira e contribuindo para que cada participante reconheça sua identidade como motivo de orgulho, e não de exclusão.

Um aspecto curioso é que sempre quando ingressam novos participantes no instituto, quando vou me apresentar e explicar como as aulas acontecessem, a primeira pergunta que surge é “a senhora é boliviana?”. E sempre respondo “você acha que eu sou boliviana? Por quê?”. Na maioria das vezes a resposta é “Por que você fala espanhol”, mas também me surpreendo quando os participantes bolivianos também me fazem a mesma pergunta, e eu penso “não é possível que eles não percebam meu sotaque brasileiro quando falo em espanhol”.

Sempre que ouço essa pergunta fico surpresa comigo mesmo, eu costumo responder que sim, sou boliviana e espero a reação deles, muitos ficam surpresos, outros desconfiados. Depois, explico que sou brasileira e conto um pouco da minha trajetória com o espanhol, nunca me incomodei com essa pergunta. Pelo contrário, ela me faz pensar em como falar espanhol é associado a nacionalidade boliviana, isso demonstra a representação social que é construída sobre quem fala determinado idioma.

Sinto-me realizada de poder ter esses momentos com os participantes. Penso que, se eu tivesse tido a oportunidade de escutar essas temáticas na minha adolescência, talvez minha percepção sobre a fronteira e os sobre os bolivianos tivesse sido diferente. Por muito tempo, escutei comentários que ficaram internalizados, mas por meio dos estudos, pude compreender como os estereótipos e preconceitos são construídos, por que isso ocorre e quais são as consequências para as pessoas e as dinâmicas fronteiriças.

Por isso, busco sempre abordar essas temáticas com os participantes, de forma que eles possam conhecer a riqueza de viver em uma região de fronteira, valorizar os vínculos que são construídos entre os países vizinhos e compreender como os preconceitos e discursos discriminatórios afetam na relação interpessoal. Gosto de pensar que esses momentos foram reflexões sobre os aspectos que permeiam o meio social deles e ter um espaço educativo que favorece esse diálogo é uma grande oportunidade de contribuir para a construção de relações respeitadas, o pensamento crítico e a valorização da diversidade cultural.

Enfim, a menina que atravessava a fronteira e via apenas um recorte de um grande país, tornou-se uma professora que ama a língua espanhola, aprendeu a valorizar e respeitar a singularidade única do lugar onde cresceu e deseja transmitir esse mesmo sentimento com os participantes. Este é apenas um recorte de tudo que a fronteira me ensinou, sinto-me muito feliz de ter essa experiência e ter com quem compartilhar essa história. Nunca pensei que chegaria tão longe, e hoje entendo que foi justamente a fronteira que me conduziu até aqui.

Aline do Carmo Souza Portugal

Graduada em Letras – Habilitação Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Campus do Pantanal. Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Estudos Fronteiriços (CPAN). Professora de Práticas Linguísticas no Instituto Moinho Cultural Sul – Americano e pesquisadora do GEPEC – FRONT.

ORCID: 0000-0003-0063-1614

Email: alinea.souza.portugal@gmail.com

A música que atravessa fronteiras

Falares Migrantes

José Antonio Méndez Barba

Instituto Moinho Cultural Sul-Americano
(Brasil)

Hola, meu nome é José Antonio Méndez Barba, sou de Bolívia, de uma região de Santa Cruz que chama **Chiquitania**, cheguei a viver aqui em Corumbá em março de 2025, já faz um pouco mais de um ano.

A **Chiquitania** é uma região a leste da Bolívia, reconhecida no mundo inteiro por conta das Missões Jesuíticas, que foram declaradas Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Conheça mais sobre a região da **Chiquitania**, acessando:

<https://whc.unesco.org/en/list/529/>

Fui convidado pra fazer parte da equipe do núcleo de música do **Instituto Moinho Cultural Sul-Americano**, como professor de violino. Comecei dando aulas de violino e solfeo, e atualmente dou aulas de violino, dirijo a Orquestra Juvenil do Instituto e também a Orquestra de Câmara do Pantanal.

No começo, mudar pra Corumbá foi uma ideia que me deixou muito animado, novos rumos, novos ares, coisas novas pra fazer, novos amigos e principalmente um novo idioma.

As primeiras semanas depois que me mudei foram meio estranhas, porque mesmo sendo na fronteira do lado brasileiro, que fica bem perto de Quijarro, eu encontrei uma cultura bem diferente, pessoas com outro jeito de ser, e principalmente o desafio de aprender um idioma novo. E cabe dizer que eu vim sem saber falar português.

Apesar dessa dificuldade com o idioma, eu comecei a estudar dia e noite, perguntava como falava as coisas, e pra minha sorte encontrei pessoas bem pacientes nesse processo, gente que me ajudou a entender o idioma, e pouco a pouco fui aprendendo.

Primeiro comecei aprendendo o que eu precisava falar nas aulas, meu material de aula, e aí algo que me ajudou bastante foi o uso de IA. O ChatGPT me ajudou muito, porque é diferente de traduzir direto no Google Tradutor, o ChatGPT te dá sugestões de frases mais reais em português, enquanto o tradutor só traduz literal, palavra por palavra.

Aprender o idioma virou meu objetivo número um, escutando música, lendo livros mais fáceis, traduzindo textos, etc.

O **Instituto Moinho Cultural Sul-Americano** é uma organização sem fins lucrativos, fundado em 2004 na cidade de Corumbá (Mato Grosso do Sul), que tem como missão "Atuar nos territórios fronteiriços do Brasil para a transformação positiva da realidade local, dando voz e vez às crianças, adolescentes e jovens, por meio do acesso a bens culturais, conhecimento tecnológico, noções de empreendedorismo e cidadania plena". Para conhecer o trabalho desenvolvido pelo **Moinho**, visite o site: <https://moinhocultural.org.br/>

Foram passando os dias, as semanas e os meses, e pouco a pouco fui me acostumando e entendendo cada vez mais o idioma. Hoje em dia posso dizer que entendo a maioria das coisas, e quando não entendo alguma palavra ou expressão, me sinto tranquilo pra perguntar: “o que significa?”

Por outro lado, também tive que me acostumar com muitas outras coisas que talvez no meu povoado eram menos comuns, como pagar com Pix, usar transporte às vezes de ônibus, e também ver o rio todos os dias.

Ter o Pantanal literalmente na frente de onde eu moro é uma vantagem incrível pra conhecer, mas também pode ficar um pouco incômodo, porque tem uma grande variedade de insetos que sempre chegam na cidade, e pior ainda a quantidade de mosquitos que tem, é meio alarmante, mas nada que não dá pra aguentar.

A comida muda um pouco em relação à Bolívia, o fato de comer feijão e farofa quase em todas as refeições me pareceu curioso, mas eu entendo que cada cultura tem seus acompanhamentos. Por exemplo, na Bolívia é mais comum arroz e batata, seja batata frita, cozida ou em salada.

Talvez a única coisa que me deixou meio intranquilo quando me mudei pra Corumbá foi ter que deixar minha mãe e minhas irmãs em San José (minha cidade natal), porque eu era um dos que mais ajudava em casa, tanto nas atividades quanto na parte econômica. Hoje continuo ajudando economicamente, mas mesmo assim ainda fico um pouco preocupado, principalmente pela minha mãe que já é uma pessoa de idade e precisa de mais atenção.

O lado bom, e que eu vejo como vantagem, é que não moro tão longe da minha cidade. Corumbá fica a umas 6 horas de lá, então às vezes eu viajo, algum fim de semana ou feriado, e de alguma forma me sinto mais perto da minha terra.

Hoje em dia já me sinto mais confortável, já estou acostumado a viver aqui, na minha nova casa, e posso dizer que Corumbá virou meu segundo lar, graças aos meus amigos e ao meu trabalho.

José Antonio Méndez Barba

O autor é boliviano, atualmente residente no Brasil, na cidade de Corumbá/MS. Músico, atualmente ensina crianças e jovens a tocar violino, além de dirigir a Orquestra Juvenil do Instituto Moinho Cultural e a Orquestra de Câmara do Pantanal.

Influência da Fronteira Brasil-Bolívia na Torcida do Corumbaense Futebol Clube (CFC)

Notas de Pesquisa

Roberto César de Souza

Prefeitura Municipal de Corumbá
(Brasil)

Carlo Henrique Golin

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Brasil)

As regiões de fronteira constituem espaços marcados por intensas relações sociais, culturais, econômicas e simbólicas, caracterizando-se pela constante circulação de pessoas e pela construção de identidades que extrapolam os limites estabelecidos pelos Estados nacionais. Nessas localidades, a convivência cotidiana entre diferentes nacionalidades favorece processos de interação capazes de produzir formas particulares de pertencimento e identificação, tornando a fronteira um espaço singular de encontros, trocas e negociações culturais. Nessa perspectiva, autores como Oliveira (2005), Mezzadra (2015) e Klausberger (2023) compreendem as fronteiras como territórios dinâmicos, nos quais coexistem múltiplas identidades e diferentes formas de apropriação do espaço social.

Entre os diversos elementos que contribuem para a formação dessas identidades, o futebol ocupa posição de destaque por constituir um importante fenômeno sociocultural. Muito além do espetáculo esportivo, o futebol produz vínculos afetivos, fortalece sentimentos de pertencimento e favorece a constituição de identidades coletivas por meio da prática de torcer. Nesse sentido, o torcedor não apenas acompanha uma equipe, mas estabelece relações simbólicas com o clube, apropriando-se de valores, tradições e representações que reforçam sua identificação com determinado grupo social. Estudos de Damo (2007), Reis (1998), Aquino (2017) e Davis (2015) demonstram que o ato de torcer envolve dimensões culturais e identitárias que ultrapassam o ambiente esportivo, tornando-se uma importante manifestação da vida social.

Esta Nota de Pesquisa está vinculada à pesquisa “Influência da fronteira Brasil-Bolívia na torcida do Corumbaense Futebol Clube”, defendida no Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 2024. O texto completo pode ser acessado em: <https://repositorio.ufms.br/items/7a51beff-03ed-44e4-8912-118f5666ae42>

Na fronteira entre Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, e os municípios bolivianos de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, observa-se um intenso movimento migratório pendular, caracterizado pelo deslocamento cotidiano de pessoas entre os dois países para fins de trabalho, estudo, comércio, lazer e acesso a serviços. Esse fluxo também se manifesta durante as partidas do **Corumbaense Futebol Clube** (CFC), quando moradores da Bolívia atravessam a fronteira para acompanhar os jogos da equipe brasileira, utilizando

camisetas do clube, participando das atividades da torcida e compartilhando o espaço do estádio com torcedores brasileiros. Essa realidade evidencia que a prática de torcer pode ultrapassar as fronteiras nacionais e constituir um

O **Corumbaense Futebol Clube**, foi fundado em 1914 e é conhecido como “Carijó da Avenida”. É bicampeão do Campeonato Sul-Mato-Grossense, nos anos de 1984 e 2017.

elemento de integração entre populações que compartilham o mesmo espaço fronteiriço.

Apesar da relevância desse fenômeno, ainda são reduzidos os estudos que investigam a relação entre futebol, identidade e pertencimento em regiões de fronteira, especialmente aqueles

voltados à adesão de moradores estrangeiros a clubes brasileiros. Essa lacuna torna pertinente compreender os fatores que influenciam a identificação de torcedores bolivianos com o Corumbaense Futebol Clube, bem como as formas de interação estabelecidas entre brasileiros e bolivianos nos eventos esportivos realizados na região.

Diante desse contexto, esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência da fronteira Brasil–Bolívia na constituição da torcida do Corumbaense Futebol Clube, identificando os fatores que levam moradores da Bolívia a torcerem pelo clube e compreendendo como ocorre a convivência e a interação entre torcedores brasileiros e bolivianos durante as partidas oficiais.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Inicialmente, foi realizado levantamento bibliográfico sobre futebol, identidade, pertencimento, migração pendular e estudos de fronteira, buscando subsidiar a análise do fenômeno investigado. Na etapa empírica, adotou-se a história oral como procedimento metodológico para compreender as experiências e percepções dos torcedores bolivianos do Corumbaense Futebol Clube (CFC).

Os participantes da pesquisa foram torcedores residentes na cidade de Puerto Quijarro, Bolívia, selecionados por meio da técnica de amostragem Snowball (Bola de Neve), método utilizado por Lindstrom (2016) em estudos com grupos de migrantes, considerada adequada para o acesso a grupos específicos em regiões de fronteira. Ao final, foram entrevistados 12 torcedores maiores de 18 anos, mediante aplicação de entrevistas semiestruturadas compostas por questões abertas e fechadas, elaboradas em português e espanhol.

As entrevistas ocorreram entre janeiro e março de 2024, foram gravadas, transcritas integralmente e realizadas em locais escolhidos pelos próprios participantes. A interpretação dos dados ocorreu por meio da análise das narrativas dos entrevistados, confrontando-as com as fontes documentais e com a literatura especializada sobre identidade, pertencimento, futebol e fronteiras. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, assegurando o cumprimento dos procedimentos éticos previstos para pesquisas envolvendo seres humanos.

Resultados e discussão

Os resultados evidenciaram que a fronteira Brasil–Bolívia exerce influência direta na constituição da torcida do Corumbaense Futebol Clube (CFC), revelando que o futebol

ultrapassa a dimensão esportiva e assume papel relevante na construção de relações sociais e identitárias entre moradores de Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia). A pesquisa demonstrou que a convivência cotidiana entre brasileiros e bolivianos favorece o desenvolvimento de vínculos que extrapolam a nacionalidade, permitindo que o clube seja reconhecido como um elemento agregador da população fronteiriça estudada.

Ressaltamos que, no estudo já realizado, chegamos a duas categorias, ambas surgidas a partir das análises das entrevistas com os moradores da Bolívia: identidade e fronteira. A primeira – identidade – refere-se às razões e aos motivos pelos quais o torcedor se identifica com o CFC, pois muitos desses torcedores demonstraram certa adesão a esse clube brasileiro.

Assim, devemos compreender que é a partir da identidade com o clube de futebol que o sujeito se transforma em torcedor (Louzada, 2011). Já a segunda – fronteira – apareceu com frequência nas falas dos entrevistados, pois entendemos que ela desempenha um papel fundamental na conexão entre torcedores bolivianos e o Clube. Essa consideração deve-se ao fato de que eles, os torcedores, residem em uma região conurbada, local fronteiriço que tem grande interação entre nativos e estrangeiros em seu cotidiano. Inclusive, segundo Mezzadra (2015), é preciso entender que as regiões de fronteira com contato e interação internacionais são compreendidas como locais que possuem múltiplas identidades e características próprias, devido às complexas existências de abertura e fechamento entre elas.

Ao analisarmos os dados locais coletados, fica evidente que, em parte, a proximidade, a relação e a interação entre os torcedores bolivianos e o CFC são alimentadas por uma combinação de amizades pessoais, envolvimento em competições locais e um sentimento compartilhado de comunidade fronteiriça. Essa relação multifacetada é um testemunho do poder do futebol em unir pessoas de diferentes origens e criar uma rede de apoio que beneficia jogadores, torcedores e clube (Foer, 2005). Para exemplificar, citamos a fala de um dos sujeitos que participaram da pesquisa, que denominamos de Torcedor J:

Bom, eu tenho muitos amigos aqui, né? Amigos que eu fiz na Bolívia mesmo, que são conhecidos aqui no time do Corumbaense. Eu tenho meus amigos: o Juninho; o Sheik – mais conhecido, ele; Henri; Jorginho; eu conheço o Tuia; o Cacalo. Todos eles são amigos meus e jogaram [...] na Bolívia.

Na região fronteiriça entre Brasil e Bolívia, observa-se uma expressiva predileção dos torcedores bolivianos por clubes brasileiros, conforme evidenciado por Golin, Rizzo e Scaglia (2022). Esse fenômeno revela a influência da cultura futebolística brasileira na dinâmica fronteiriça e favorece a aproximação dos torcedores bolivianos com o Corumbaense Futebol Clube (CFC), contribuindo para a construção de vínculos afetivos, do sentimento de pertencimento e da identificação com o clube.

Os resultados da pesquisa demonstraram que esse processo é potencializado pela proximidade entre torcedores e jogadores do CFC. As relações de amizade estabelecidas entre ambos ultrapassam o simples apoio à instituição esportiva, estimulando a presença nos jogos oficiais e fortalecendo a lealdade ao clube (Alves; Souza; Ladislau, 2019). Assim, o vínculo com o CFC não decorre apenas da preferência pelo futebol brasileiro, mas também das relações sociais construídas no cotidiano da fronteira.

Os entrevistados destacaram, ainda, que a intensa mobilidade entre Corumbá e Puerto Quijarro favorece a convivência entre brasileiros e bolivianos, ampliando as interações sociais e fortalecendo os laços comunitários. Nessa perspectiva, a fronteira deixa de representar apenas um limite político-territorial e passa a constituir um espaço de interação, trocas e produção de múltiplos pertencimentos, conforme argumentam Machado (1998) e Mezzadra (2015). Essa dinâmica favorece a construção de identidades compartilhadas, nas quais, apesar de residirem na Bolívia, os participantes demonstraram maior identificação com o futebol brasileiro do que com o futebol de seu próprio país, corroborando as análises de Scharf e Pacheco (2018) e de Golin, Rizzo e Scaglia (2022).

Os achados também evidenciam que a identificação dos torcedores com o CFC está diretamente relacionada ao contexto fronteiriço em que vivem. Mais do que uma delimitação geográfica, a fronteira constitui um espaço de experiências compartilhadas, no qual são construídos vínculos afetivos, sociais e culturais capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento, conforme discute Mezzadra (2015). Nesse cenário, a identidade com o clube extrapola os dias de jogos oficiais e manifesta-se no desejo dos torcedores de participarem mais ativamente da trajetória do Corumbaense Futebol Clube, buscando formas de estreitar sua relação com a instituição. Tal envolvimento reforça a percepção de que os torcedores se reconhecem como parte integrante da história do clube, fortalecendo os laços de pertencimento e identidade entre o CFC e a comunidade fronteiriça (Souza, 2004).

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que o Corumbaense Futebol Clube (CFC) desempenha um papel que ultrapassa a dimensão esportiva, constituindo-se como um importante elemento de integração sociocultural na fronteira Brasil–Bolívia. O estudo demonstrou que torcedores bolivianos residentes em Puerto Quijarro e Puerto Suárez atravessam frequentemente a fronteira para acompanhar os jogos do clube em Corumbá-MS, motivados não apenas pelo interesse no futebol, mas também pelos vínculos afetivos estabelecidos com o CFC, especialmente por meio da convivência com jogadores e da intensa interação entre torcedores brasileiros e bolivianos.

A pesquisa revelou que a mobilidade característica da região fronteiriça favorece a construção de relações sociais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a identidade dos torcedores com o clube. Nesse contexto, o CFC consolida-se como um patrimônio simbólico compartilhado pela comunidade fronteiriça, aproximando pessoas de diferentes nacionalidades em torno de uma mesma paixão e demonstrando que o futebol pode superar limites geográficos, culturais e nacionais.

Além de sua relevância esportiva, verificou-se que o CFC exerce importante função social e cultural ao promover eventos e espaços de convivência que reforçam os vínculos entre as comunidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suárez. Dessa forma, o clube contribui para a construção de uma identidade regional compartilhada, baseada na convivência cotidiana, na cooperação e no intercâmbio cultural entre brasileiros e bolivianos.

Os resultados também indicam que o CFC possui potencial para ampliar sua atuação como agente de desenvolvimento regional, seja pelo fortalecimento da participação de torcedores, pela promoção de ações de integração ou pelo estímulo à economia local, ao turismo e às atividades socioculturais. Nesse sentido, o futebol

evidencia-se como um instrumento de coesão social, capaz de fortalecer os laços comunitários e promover o respeito à diversidade cultural existente na região de fronteira.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o avanço das pesquisas sobre futebol e fronteiras, incentivando novas investigações acerca do papel das práticas esportivas na construção de identidades, do sentimento de pertencimento e da integração sociocultural em regiões fronteiriças. Entre as possibilidades futuras, destaca-se a análise da formação de uma torcida organizada binacional, composta por brasileiros e bolivianos, como estratégia para fortalecer ainda mais a identidade regional e os vínculos com o Corumbaense Futebol Clube.

Referências

- ALVES, Rogério Othon Teixeira; SOUZA, Georgino Jorge de; LADISLAU, Carlos Rogério. Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube como experiência de lazer em bares da cidade de Montes Claros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, s.l., v. 41, pp. 384- 390, 2019.
- AQUINO, Jefferson Nicassio Queiroga de. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFGM, 2017.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/Ed. Anpocs, 2007.
- DAVIS, Leon. Football fandom and authenticity: a critical discussion of historical and contemporary perspectives. *Soccer & Society*, s.l., v. 16, n. 2-3, pp. 422-436, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/14660970.2014.96138>.
- FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora: Zahar, 2005.
- GOLIN, Carlo Henrique; RIZZO, Deyvid Tenner Souza; SCAGLIA, Alcides José. Identidade e predileção por times de futebol entre alunos de uma escola fronteiriça (Brasil-Bolívia). *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, n. 61, pp. 1-18 e21748, abr.-jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.21748>.
- KLAUSBERGER, Marcos Irineu. Entre tempos, identidades e (trans)territorialidades: fronteira Santana do Livramento (BR)-Rivera (UY). *Revista Territórios e Fronteiras*, s.l., v.16, n. 2, pp. 333-361, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1123>.
- LINDSTROM, David. How Representative are Snowball Samples? Using the Ethnosurvey to Study Guatemala–U.S. Migration. *Ann Am Acad Pol Soc Sci*, s.l., v. 666, n. 1, pp. 64-76, jul. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6905631/>. Acesso em: 25 out. 2023. DOI: 10.1177/0002716216646568.
- LOUZADA, Roberto. Identidade e rivalidade entre os torcedores de futebol da cidade de São Paulo. *Esporte e Sociedade*, s.l., ano 6, n. 17, mar.-ago. 2011.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-prático. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005, pp. 377-408.
- MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteira, redes, In: STROHAECKER, Tânia Marques; DAMIANI, Anelisa; SCHAFFER, Neiva Otero; BAUTH, Nely; DUTRA, Viviane Saad. (Orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB, 1998, pp. 41-43.
- MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade. *Remhu – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Dossiê Migrações e Fronteiras*, Brasília, v. 23, n. 44, pp. 11-30, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004402>.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. 164f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação Faculdade de Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, 1998.

SCHARF, Edson Roberto; PACHECO, Gabriel da Silva. O consumo de bens e serviços de marcas patrocinadoras de clubes de futebol. Revista Gestão & Organização, s.l., v. 16, n. 2, pp.167-181, 2018.

Roberto César de Souza

Graduado em Educação Física (UFMS/CPAN), Mestre em Estudos Fronteiriços (UFMS). Professor efetivo da Prefeitura de Corumbá-MS.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3576-8534>

E-mail: roberto.csouza3@gmail.com

Carlo Henrique Golin

Graduado em Educação Física (Faculdades Integradas de Fátima do Sul), Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba. Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Professor Associado atuando no curso de Educação Física e no Programada de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços (UFMS-CPAN).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1858-6068>

E-mail: carlo.golin@ufms.br

Da passagem à permanência: a presença boliviana no sistema educacional de Corumbá/MS

Notas de Pesquisa

Vanessa Valadão Gouvêa Gomes da Silva

Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais
(Brasil)

Lucilene Machado Garcia Arf

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Brasil)

A fronteira entre Brasil e Bolívia, particularmente entre Corumbá/MS e Puerto Quijarro/BO, constitui um espaço marcado por intensas relações sociais, culturais e econômicas. Mais do que uma linha que delimita territórios nacionais, a fronteira configura-se como um espaço de circulação, encontros, trocas e construção de novas territorialidades. Nesse contexto, o acordo de cooperação bilateral celebrado entre Brasil e Bolívia, em 2004, representou um importante marco para as relações fronteiriças ao estabelecer a possibilidade de estudo, trabalho e residência aos nacionais das localidades limítrofes abrangidas pelo acordo. No Brasil, sua regulamentação ocorreu por meio do Decreto nº 6.737/2009, que estabeleceu a permissão para aprendizagem, emprego e moradia aos cidadãos brasileiros e bolivianos residentes nas zonas de fronteira (Brasil, 2009).

O presente texto se origina da dissertação de mestrado intitulada "A cooperação internacional entre Brasil e Bolívia através do acordo de concessão ao estudo, trabalho e residência: o perfil social dos bolivianos solicitantes do Documento Especial de Fronteiriço (DEF) transeuntes entre as cidades-irmãs de Corumbá/MS e Puerto Quijarro/BO no período de 2009 a 2019", financiada pela Chamada FUNDECT/PPGEF-CPAN/CNPq/PDPG no 33/2021 (TO 128/2022), e defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da UFMS. O texto pode ser acessado em: <https://repositorio.ufms.br/items/f3d6699b-2717-46c1-a2da-62c5261b69d1>

A partir desse contexto, a pesquisa "A cooperação internacional entre Brasil e Bolívia através do acordo de concessão ao estudo, trabalho e residência: o perfil social dos bolivianos solicitantes do Documento Especial de Fronteiriço (DEF) transeuntes entre as cidades-irmãs de Corumbá/MS e Puerto Quijarro/BO no período de 2009 a 2019", que originou este recorte, buscou compreender de que maneira o acordo de cooperação contribuiu para a integração regional fronteiriça e para a intensificação da presença boliviana em Corumbá. Entre os diferentes aspectos observados ao longo da investigação, destaca-se a presença de estudantes bolivianos nas escolas do município, fenômeno que permite compreender a fronteira para além da perspectiva da passagem cotidiana. A

procura por serviços essenciais, especialmente pela educação, evidencia que a circulação entre as cidades fronteiriças também pode estar relacionada à busca por melhores condições de vida e à construção de novas experiências no território.

É nessa perspectiva que o presente recorte se concentra em Corumbá como cidade de destino e não somente como local de passagem. A presença de estudantes bolivianos nas escolas municipais permite observar como as relações estabelecidas entre os dois lados da fronteira ultrapassam os limites da circulação diária e alcançam dimensões relacionadas à permanência, à educação, ao pertencimento e à construção de identidades. Os dados analisados, provenientes principalmente do Departamento de Polícia Federal (DPF) e da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá (SEMED), possibilitaram identificar o fluxo de estudantes bolivianos, sua distribuição pelas escolas e os locais do município com maior concentração dessa população.

Assim, o texto parte da compreensão de que a presença boliviana em Corumbá não pode ser analisada apenas pelo movimento de entrada e saída entre as cidades-gêmeas. A escolha pela educação oferecida no município brasileiro revela uma dimensão de permanência e de construção de vínculos com o território, contribuindo para compreender Corumbá como um espaço de pertencimento e de formação de novas territorialidades. É a partir dessa perspectiva que se desenvolve a discussão sobre a presença boliviana nas escolas do município, buscando evidenciar como a fronteira pode constituir-se simultaneamente como espaço de circulação, acolhimento, oportunidades e construção de novas identidades.

A formação humana trilhou ao longo da história diferentes rearranjos sociais mediante os impactos e transformações no transcurso da linha do tempo. As inúmeras mudanças decorrentes de alterações climáticas, catástrofes naturais, surgimento de guerras civis e globais, violação generalizada de direitos e o aparecimento de doenças não identificadas em um primeiro momento pela ciência implicaram significativamente as territorialidades humanas. Ante esse cenário de temporalidades, o ser humano foi instigado a buscar novas territorialidades que lhe assegurassem uma qualidade de vida menos conflituosa.

O geógrafo Marco Aurelio Saquet (2015, p. 119) descreve que: “as territorialidades acontecem em diferentes níveis escalares: nas famílias, nas ruas, nos bairros, nas cidades, nas “comunidades rurais”, nos municípios, nos estados, nas regiões, nos países, entre países e continentes.” Isso significa que, independentemente das temporalidades, as territorialidades serão tecidas no seio humano. Há uma necessidade de constante construção das relações humanas; esse entrelaçamento configura as identidades territoriais.

De acordo com Saquet (2015, p. 130), “a identidade é construída coletivamente pelos sujeitos locais, interagindo entre si e com o milieu e significa uma forma para, politicamente, dinamizar as singularidades em favor do desenvolvimento local.” Segundo Silva (2014), a construção de uma nova identidade transpõe uma separação entre “eu” e “outro”. Desse modo, pensar em identidade no âmbito da fronteira é retratar as diferentes peculiaridades daqueles que estão de passagem ou decidiram permanecer.

Entre todos os deslocamentos de idas e vindas, a escolha de permanência em determinado espaço termina por caracterizar a fronteira como local de encontros e desencontros. “A história do recente deslocamento da fronteira é uma história de destruição. Mas é também uma história de resistência, de revolta, de protesto, de sonho e esperança.” (MARTINS, 2021, p. 132). Ali, na linha que corta o limite internacional, as

territorialidades presentes também interseccionam transformações; logo, “as experiências organizativas locais podem contrapor-se dialeticamente ao movimento globalizado, constituindo territórios de esperança.” (SAQUET, 2015, p. 134).

Na tentativa de perfilar a fronteira como um lugar de destino e não somente local de passagem para imigrantes, este estudo realizou uma pesquisa junto à Secretaria de Educação do município de Corumbá (SEMED), além do levantamento já realizado junto ao Departamento de Polícia Federal (DPF). O objeto de análise desta pesquisa buscou traçar o impacto do acordo internacional entre Brasil e Bolívia — que concede permissão para estudo, trabalho e residência aos nacionais fronteiriços em localidades limítrofes —, partindo do marco de que o acordo completou uma década desde sua normatização no Brasil, por meio do Decreto nº 6.737/2009 (Brasil, 2009).

Este acordo contribuiu de forma direta e indireta para o crescimento do número de alunos bolivianos nas escolas e cidades brasileiras situadas na Faixa de Fronteira abrangida pelo tratado. Diante disso, e buscando analisar se realmente houve maior concentração de estudantes bolivianos nas escolas de Corumbá (que faz divisa com as cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez), o período proposto para a análise dos dados compreendeu os anos de 2009 a 2019. No entanto, devido a uma migração no sistema do banco de dados da SEMED, parte das informações foi perdida, sendo disponibilizado para análise deste estudo apenas o período de 2011 a agosto de 2022. Sendo assim, o estudo partiu deste marco com o objetivo de identificar se houve um aumento considerável de matrículas nas escolas do município de Corumbá.

A **Lei da Migração** (Lei nº 13.445) foi promulgada em 24 de maio de 2017 e substituiu o antigo e restritivo Estatuto do Estrangeiro de 1980 e aborda a migração e o migrante sob a ótica dos Direitos Humanos.

O texto pode ser acessado em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm

Atentando-se ao fato de que, além do acordo internacional, a nova **Lei de Migração**, a Lei nº 13.445/2017 (Brasil, 2017) — que substituiu o antigo Estatuto do Estrangeiro, a Lei nº 6.815/1980 (Brasil, 1980) — trouxe novas regras e alterou, segundo o artigo 117, o documento Registro Nacional de Estrangeiro para Registro Nacional Migratório, todos esses fatores podem ter corroborado a intensificação da presença boliviana na cidade (Brasil, 2017).

A cidade de Corumbá, desde sua fundação em 1778, recebeu diversas nacionalidades. “É uma cidade multicultural com influências culturais árabes, italianas, portuguesas, sul-americanas (paraguaios, argentinos, uruguaios, bolivianos), indígenas, com grande riqueza cultural em sua culinária e música.” (ARF, 2016, p. 172). Todas essas nacionalidades trouxeram consigo uma bagagem cultural que, além de agregar valor, transformou a Cidade Branca em um espaço singular, muito além da fronteira.

Desde a regulamentação do Decreto nº 6.737/2009, houve um número considerável de nacionais fronteiriços bolivianos que buscaram adquirir o Documento Especial de Fronteiriço (DEF). A ocupação que registrou o maior número de solicitações entre homens e mulheres bolivianas foi a de “vendedor ou empregado de casa comercial, comerciante, vendedor ambulante, vendedor a domicílio, jornalista ou assemelhado.” Porém, não menos importante, os estudantes também buscaram aderir ao documento para a garantia de seus direitos; entretanto, a procura foi menor do que o esperado.

A análise dos dados fornecidos pelo DPF apontou uma oscilação no número de expedições efetuadas para estudantes dos sexos masculino e feminino na obtenção do DEF entre 2009 e 2019 no município de Corumbá. Os estudantes do sexo masculino alcançaram um pico maior nos anos de 2010 e 2013; após esse período, mantiveram-se constantes em relação ao sexo feminino.

Notadamente, é possível constatar também que, após a Lei de Migração (Brasil, 2017), o número de renovações do DEF declinou, não havendo solicitações expressivas além do sexo feminino. A lei de migração foi outro ponto-chave que contribuiu para a maior concentração da presença boliviana em Corumbá, como também, de certa forma, influenciou a baixa procura pelo Documento Especial de Fronteiriço.

Mediante a análise dos dados disponibilizados pela SEMED, a pesquisa constatou que esses fronteiriços bolivianos estão concentrados em localidades específicas da cidade. Bairros como Dom Bosco, Aeroporto, Jardim dos Estados, Nova Corumbá, Popular Nova e Centro (não necessariamente nesta ordem) são os locais de maior presença boliviana. Por outro lado, nos bairros Flamboyant e Previsul, a presença desses estudantes é muito pequena ou quase imperceptível.

Outro ponto observado é que a informação fornecida pelos responsáveis como local de residência “fronteira Brasil/Bolívia” reflete o fluxo de estudantes que atravessam a fronteira para estudar em Corumbá, estes alunos não residem na cidade brasileira; apenas usufruem dos serviços educacionais ofertados pelo município corumbaense.

Pela análise dos dados da SEMED referentes ao período de 2011 a 2022, identifica-se um aumento gradual e progressivo no número de matrículas de alunos bolivianos nas escolas de Corumbá. A instituição com maior concentração de alunos fronteiriços bolivianos é a Escola Municipal - Centro de Atendimento à Criança (CAIC) Padre Ernesto Sassida. Localizada no bairro Dom Bosco, a escola atende ao Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). O fácil acesso entre a escola e a linha de fronteira é uma das razões para o elevado número de matrículas.

Outras duas escolas, segundo os dados da SEMED, apresentaram uma pequena elevação no número de matrículas de alunos bolivianos nos anos de 2019, 2020 e 2021. A primeira é o Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Cantarina Anastácio da Cruz, também localizado no bairro Dom Bosco e integrado à estrutura da E.M. CAIC Padre Ernesto Sassida, oferecendo Creche (Integral: Nível I, II e III) e Pré-escola (Matutino e Vespertino: Pré I e II). Por estarem situadas no mesmo complexo, o acesso torna-se viável aos alunos bolivianos. Já a Escola Municipal Ângela Maria Pérez, localizada no bairro Jardim dos Estados, também apresentou elevação no número de matrículas no mesmo período, beneficiada pelo acesso facilitado à fronteira Brasil/Bolívia. A instituição oferece Educação Infantil (Pré-escola I e II), Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA – 1º a 4º fase).

Outro fator determinante para a busca por matrículas nas escolas de Corumbá é a limitação na infraestrutura das unidades educacionais nos municípios bolivianos de fronteira. De acordo com a *Ley de la Educación Avelino Siñani-Elizardo Pérez* n° 070 (Bolívia, 2010) um dos objetivos da educação (Artigo 5º, parágrafo 6º) é priorizar a educação nas zonas de fronteira para assegurar a soberania nacional e promover o desenvolvimento. Da mesma forma, um dos compromissos assumidos pelo governo boliviano foi o de que:

as escolas fronteiriças são uma prioridade do Estado, terão caráter integral e receberão atenção em termos de pessoal, infraestrutura e equipamentos, com base nas Políticas e Programas Educacionais extraordinários definidos pelo Ministério da Educação (Bolívia, 2010, p. 39, tradução nossa).

Em um estudo sobre as políticas públicas educacionais bolivianas, Cori e

A *Ley de la Educación Avelino Siñani-Elizardo Pérez* (Lei nº 070), foi promulgada em 20 de dezembro de 2010 determinou que a educação é um direito fundamental, universal, gratuito e produtivo.

O texto pode ser acessado em: https://www.minedu.gob.bo/files/documentos-normativos/leyes/LEY_070_AVELINO_SINANI_ELIZARDO_PEREZ.pdf

Gonzáles (2016) apontam que o município de Puerto Quijarro apresenta fragilidades no sistema educacional, como infraestrutura precária, falta de bibliotecas, quadras esportivas, laboratórios e computadores. Os autores mencionam que incentivos foram implementados pelo governo boliviano para manter a frequência escolar, como o Bono Juancito Pinto (auxílio anual de 200 bolivianos para uniformes e materiais) e a Ley de Alimentación

Escolar, a Lei nº 622/2014. No entanto, mesmo com tais incentivos, os autores ressaltam a constante preocupação dos pais com a formação escolar dos filhos, o que levou muitos responsáveis a optarem por matriculá-los no município fronteiriço brasileiro de Corumbá:

Essa decisão ocorre por diversos motivos, sendo a qualidade do ensino, a infraestrutura das escolas brasileiras e os programas sociais os principais atrativos. Dentre as políticas educacionais destacadas no Brasil, estão o Bolsa Família, o Transporte Escolar, a Alimentação Escolar, o Brasil Alfabetizado e o Programa Escolas Bilingües nas Fronteiras (Cori; Gonzáles, 2016, p. 66).

Ainda segundo Cori e Gonzáles (2016), cabe destacar o fato de os estudantes receberem material e uniforme do governo brasileiro, além de o auxílio do Bolsa Família ter caráter mensal (ao contrário do Bono, que é anual). Esses fatores evidenciam as lacunas enfrentadas pelo sistema educacional boliviano local e explicam a busca por ensino em Corumbá.

Apesar de o acordo bilateral não ter sido o único catalisador do fluxo de bolivianos na cidade, a busca por uma formação de qualidade motivou as famílias a buscarem o município brasileiro. Corumbá adaptou sua rede de ensino para acolher os estudantes das cidades vizinhas, que não apenas transitam pelo espaço, mas fincam raízes na região. Essa presença crescente demonstra ser possível construir uma nova identidade sem romper com as origens. Desde sua fundação, Corumbá consolida-se como um espaço multicultural e de pertencimento, no qual a fronteira atua como ponto de encontro entre o “eu” (ligado às origens) e o “outro” (construído nas novas interações locais).

Referências

- ARF, L. M. G. Considerações sobre a fronteira Brasil/Bolívia em Mato Grosso do Sul. *Revista GeoPantanal*, v. 11, p. 171-180, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/2521>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 ago. 1980. Revogada pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm. Acesso em: 7 set. 2026.
- BRASIL. Decreto nº 6.737 de 12 de janeiro de 2009. Dispõe sobre o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Bolívia para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Bolivianos, celebrado em Santa Cruz da Serra, em 8 de julho de 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6737.htm. Acesso em 07 de jan. 2021.
- BRASIL. Lei de Imigração nº 13.445 de 24 de maio de 2017. Dispõe sobre os direitos e deveres dos imigrantes. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 24 de set. 2021.
- BOLIVIA. Ley de la Educación “Avelino Siñani–Elizardo Pérez”, nº 070, 20 de diciembre del 2010. La Paz: Ministerio de Educación, 2010. Disponível em: https://www.minedu.gob.bo/index.php?option=com_content&view=article&id=1524:leyavelino-sinani-elizardo-perez&catid=233&Itemid=933. Acesso em: 17 de fev. 2023.
- CORI, V. I. M.; GONZÁLES, W. M. C. Las políticas públicas Referidas a la educación y su incidencia en el municipio fronterizo de Puerto Quijarro. *Revista GeoPantanal*, n. Especial, p. 57-70, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/2719>. Acesso em 07 de set. 2026.
- GOUVÊA, V. V. A cooperação internacional entre Brasil e Bolívia através do acordo de concessão ao estudo, trabalho e residência: o perfil social dos bolivianos solicitantes do Documento Especial de Fronteiriço (DEF) transeuntes entre as cidades-irmãs de Corumbá/MS e Puerto Quijarro/BO no período de 2009 a 2019. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/items/f3d6699b-2717-46c1-a2da-62c5261b69d1>. Acesso em: 26 ago. 2026.
- MARTINS, J. S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. 2 ed. 4ª reimpressão.– São Paulo: Contexto, 2021.
- SAQUET, M. A. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.
- SILVA, T. T. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais / Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Vanessa Valadão Gouvêa Gomes da Silva

Mestra em Estudos Fronteiriços (PPGEF/CPAN-UFMS), com especializações em Tutoria em Educação a Distância (UFMS), Relações Internacionais (UNILA) e Docência do Ensino Superior (UNOPAR), e graduação em Relações Internacionais (UNESA). Pesquisadora do Projeto de Pesquisa “Literatura, Fronteira e Sociedade” e do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3451-1661>

E-mail: vanessavaladaogouvea@gmail.com

Lucilene Machado Garcia Arf

Professora Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, Linha “Saúde, Educação e Trabalho”. Coordenadora do Laboratório LIFROS: Projeto de Pesquisa “Literatura, Fronteira e Sociedade”; Coordenadora do Programa Idioma sem Fronteiras-IsF/Andifes/UFMS; Coordenadora do Projeto de extensão Sementes de Poesia Versos Infantis no Caminho para os Ervas; Coordenadora do Projeto III Seminário de Estágio dos Cursos de Letras: travessias e partilhas. Presidente da COE/Letras-Espanhol/UFMS; Coordenou Projeto Institucional de Extensão “Projele: línguas estrangeiras”. Coordenou o Programa Escolas Interculturais de Fronteiras (MEC/UFMS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7870-3636>

E-mail: lucilene.arf@ufms.br

Um evento científico numa fronteira internacional: III CONGRESSO DO MIGRAFRON

Sessão Livre

Patricia Teixeira Tavano

Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais
(Brasil)

Entre os dias 27 e 31 de julho de 2026, Corumbá/MS sediou pela terceira vez a edição do **CONGRESSO DO MIGRAFRON**, evento bianual que tem se consolidado como um espaço de encontros de discussões sobre temáticas que permeiam a fronteira e as migrações.

Este ano, fizemos um evento híbrido, com mesas e apresentações de trabalho tanto presenciais quanto remotas, possibilitando uma maior participação, tanto nacional quanto internacional. Também contamos com a parceria: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), através de edital específico para fomento a eventos científicos, que nos possibilitou realizar as atividades presenciais; Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidad de Guadalajara; Observatório de Inovação Social da Fronteira (OBISFRON); Rede Infâncias Protagonistas; Observatório da Emigração Brasileira; Cátedra Sérgio Vieira de Mello; Editora da UFMS; Revista GeoPantanal; Sebrae Pantanal!

Abrimos as atividades no **dia 27 de julho** com a mesa “Inclusión y exclusión en la gobernanza de procesos migratorios: las caravanas centroamericanas en México y la protesta venezolana en Colombia”, com a participação do Prof. Dr. Diego Noel Ramos (Universidad de Guadalajara) e Prof. Dr. Gabriel Moreno-Esparza (Northumbria University). Seguimos com a mesa “Infância migrante: sentidos práticos e expectativas”, com as falas de Profa. Dra. Luciana Hartmann (UNB) e de Ms. Márcia Rolon (Moinho Cultural / PPGEF/ RECAF). Duas mesas potentes, discutindo temáticas relevantes para compreendermos os percursos migratórios e processos fronteiriços em situações e sob óticas distintas.

No **dia 28 de julho** seguimos com nossas atividades concentrando-nos na grande área da educação com duas mesas de alta expressão e grande participação. Iniciamos com a discussão sobre as “Políticas educacionais para atendimento aos migrantes em Corumbá e Puerto Quijarro”, na qual participaram Lic. Jhonny Vargas Reque (Diretor Distrital de Educação de Puerto Quijarro) e a Dra. Tarissa Marques (SEMED/Corumbá). E fechamos o dia com a mesa “Escolas em contextos fronteiriços: culturas, políticas e práticas”, na qual integraram a Dra. Cátia Alves de Oliveira (Foz do Iguaçu), a Profa. Dra. Mara Marques Correa Bueno (UFMS/ Ponta Porã) e a profa. Dra. Patricia Teixeira Tavano. Com falas contundentes, nos trouxeram um panorama da educação fronteiriça, cobrindo fronteiras de grande circulação

As mesas dos **dias 27 e 28 de julho** de 2026 estão disponíveis em nosso canal no Youtube, e podem ser acessadas na íntegra em: <https://www.youtube.com/@migrafron>

de sujeitos. Inclusive a fala do Director Distrital Jhonny Vargas está transcrita aqui neste BOLETIM, para reforçar a importância da discussão.

Encerradas as atividades remotas, abrimos as atividades presenciais no SEBRAE Pantanal, parceiro da UFMS/CPAN e do MIGRAFRON que nos cedeu seu belíssimo espaço físico para que recebêssemos no dia 29 de julho uma Feira de Artesanato e produtos regionais, proporcionado pela parceria com a Associação Corumbá Produz:

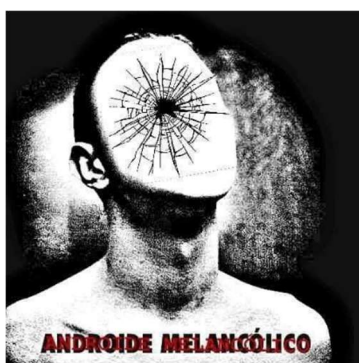


Também tivemos duas apresentações musicais. O **Grupo Caporales de Corazón**, trouxe a dança de Puerto Quijarro:



E o grupo corumbaense Androide Melancólico apresentou com Zamo o charango, instrumento musical típico do Altiplano boliviano:

Veja um trecho da apresentação do **Grupo Caporales de Corazón** em nosso Canal do Youtube : <https://youtu.be/VGQtCPvbKY4>



Ainda, ao longo dos três dias, contamos com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá, que realizou a exposição dos trabalhos vencedores do Concurso Travessias, o primeiro concurso municipal de redações e desenhos em alusão ao Dia do Migrante, comemorado no mês de junho.



A Conferência de abertura foi realizada pela Profa. Dra. Rosana Baeninger (NEPO/UNICAMP) no dia 29 de julho, e discutiu “Brasileiros Emigrados e Fronteiras Internacionais”. No dia 30 de julho, a mesa “Brasileiros emigrados em fronteira: políticas e ações” deu seguimento às discussões sobre os emigrados com a participação do Prof. Dr. Alexandre dos Santos Cunha (IPEA/ PPGEF-CPAN) e Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira (UFMS/Corumbá); e o encerramento ficou a cargo da discussão sobre os “Fluxos fronteiriços e interiorização de venezuelanos no Brasil”, com os Prof. Dr. Hermes Moreira Júnior (UFGD) e Prof. Dr. Pedro Silva Barros (IPEA).

Além das mesas e apresentações culturais, o III CONGRESSO DO MIGRAFRON contou com a apresentação de trabalhos científicos, na forma de apresentação oral e com publicação de Anais. Ao todo, foram apresentados 60 trabalhos que discutiram a migração e a fronteira a partir de um dos cinco eixos:

- Trabalho, Documentação e Registros Públicos em Fronteira
- Educação e Cultura em Fronteira
- Saúde e Assistência Social em Fronteira
- Preconceito, Racismo, Xenofobia e Redes Solidárias em Fronteira
- Gênero e Diversidade na Migração em Fronteira

Todos os trabalhos aprovados e apresentados foram publicados na forma de e-book, pela editora Amplla, e na forma de dossiê pela revista GeoPantanal.

Com um saldo altamente produtivo e ampliação importante de nosso alcance, o III Congresso do MIGRAFRON encerrou com o encaminhamento de ações de parceria e continuidade das discussões, nos levando a iniciar a organização do IV Congresso para o ano de 2028 com muita esperança e na certeza de termos mais participantes, mais discussões e mais produções compartilhadas.

Que venha o IV Congresso do MIGRAFRON com muitas novidades!

Para os autores

Normas de Publicação

Este Boletim aceita contribuições em Português, Espanhol e Inglês para todas as suas sessões através de convite aos autores efetivado pelos Editores, Editores Convidados ou pelos membros do Conselho Editorial.

Todas as contribuições devem ser enquadradas em alguma das sessões:

1. **Debates e Conjunturas:** espaço para a discussão análises políticas e conjunturais de temas atuais articulados às questões migratórias em fronteira
2. **Nota de Pesquisa:** espaço para a comunicação de pesquisas em andamento, de proposições metodológicas e epistemológicas sobre as temáticas que envolvem a fronteira e a migração
3. **Falares Migrantes:** espaço para relatos e comunicações sobre a experiência migratória e fronteiriça, na voz e palavra do próprio migrante
4. **Indicação de Leitura:** espaço para a divulgação de publicações de relevância para o campo de estudos da fronteira e migrações
5. **Sessão Livre:** espaço para divulgação de eventos, notícias e ações dos membros do MIGRAFRON, seus parceiros e convidados.

Cada sessão publicará de 2 a 5 contribuições por número.

Os textos devem conter de 1200 a 2000 palavras, com fonte Arial Nova Light 11, espaçamento de linha simples, espaço de parágrafo 6pt antes e 6pt depois, recuo de parágrafo de 1,5, todas as margens de 3 cm. Para o texto, pede-se o alinhamento justificado, para as referências pede-se o alinhamento à esquerda.

As contribuições em Inglês e Espanhol não serão traduzidas para Português pelos editores. É facultado ao autor o envio de seu texto em mais de uma língua para publicação duplicada no mesmo número.

Todos os arquivos devem ser encaminhados em Word, indicando autoria (com formação, filiação institucional, ORCID e e-mail de contato) e sessão na qual será publicado. Em caso de gráficos e quadros, estes devem ser inseridos como elementos editáveis no arquivo e não como imagem. Pede-se o envio dos links ativados.

Citações devem utilizar a entrada autor/data e as referências devem utilizar uma das seguintes normas: ABNT; Vancouver ou Chicago.

As contribuições devem ser enviadas para o email: migrafron.cpan@ufms.br.



MIGRAFRON

OBSERVATÓRIO FRONTEIRIÇO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

UFMS/CPAN - R. Domingos Sahib, 99 - Corumbá-MS - Sala B09

site: <https://migrafron.ufms.br>

Email: migrafron.cpan@ufms.br

Canal: <https://www.youtube.com/@migrafron>

Instagram: @migrafron